

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P. (SPIC)

DISCIPLINA PARTIDÁRIA (Resolução do Secretariado do Comité Central)

O Secretariado do Comité Central constata que na organização local do Pôrto são frequentes amplos desastres que levam para a prisão a maioria (quando não a totalidade) dos quadros militantes. A causa directa e imediata desses desastres tem sido a má conduta ante a polícia da generalidade dos membros da organização local. O Secretariado pensa, entretanto, que essa má conduta é, por sua vez, uma consequência duma série de erros e deficiências da actividade local do Pôrto.

Apesar do Pôrto ser um importantíssimo centro industrial, a organização local do Pôrto nunca assentou a sua força nas fábricas e empresas, nunca se ligou estreitamente às massas operárias. Até há bem pouco tempo ainda, predominavam as células de rua. Os quadros de direcção da organização local têm sido na maioria indivíduos que não pertencem à classe operária e era frequente falarem de questões da vida interna do Partido em «grupos de amigos» e em «mesas de café».

O Comité Regional do Douro e, em particular, o Comité Local do Pôrto têm conduzido uma actividade sectária, fechando a organização em grupos clandestinos separados das massas, grupos cuja actividade se tem limitado quasi exclusivamente a cotização, distribuição de imprensa e controle. Um índice frisante

desta realidade é o facto do C. L. do Pôrto distribuir um número sensivelmente igual de «Avantes» e «Militantes».

A disciplina partidária tem sido muito fraca e tem acontecido frequentes vezes que membros do Partido, que se portam mal ante a polícia, continuam a ser considerados «bons camaradas» e a gozar da confiança dos organismos locais. Tem mesmo acontecido que tais elementos, quando são postos em liberdade, são chamados para lugares de direcção. É corrente a concepção de que um camarada, quando é preso, tem de «lizar coisas», e não pode negar-se a prestar declarações. A auto-crítica é tida na organização local do Pôrto como uma espécie de sabão que lava todas as nódoas.

Isto tem tornado possíveis «desastres em massa» na organização local. Ainda em 1942, de Abril em diante, se verificou uma nova e extensa série de prisões. A maioria dessas prisões foi ocasionada pelo mau porte na polícia de elementos do Partido. Quasi todos fizeram denúncias e declarações prejudiciais ao Partido.

O caso de **André Fontainha** e do Comité Local do Partido (**João P. Fião, Araújo, Valério e Manuel Prim**), bem como do responsável do Comité Local do S.V.L., **António Sá Menezes**,

não deve de forma alguma tornar a repetir-se. André, que era um elemento responsável na organização local, entrou em conversações com a polícia estabelecendo um acôrdo com ela, segundo o qual a polícia lhe daria a fuga e dinheiro, comprometendo-se André a trabalhar para a polícia. André afirma que o fez para voltar à actividade. Mas o certo é que - sem de momento encarmos muitos outros aspectos desta atitude-- tal conduta é absolutamente inadmissível e indigna dum comunista. Pela sua atitude, André colocou-se à margem do Partido e não pode esperar senão desconfiança e suspeição. Também os elementos do CL e Sá Menezes tiveram uma conduta indigna de comunistas, denunciando camaradas do Partido.

Embora não haja ainda elementos suficientemente minuciosos acerca da atitude de todos os que foram presos neste último «desastre», o Secretariado do Comité Central tem já informações bastantes para decidir que **todos os elementos das organizações locais do Pôrto que foram presos de Abril de 1942 em diante ficam suspensos de toda a actividade partidária em virtude da sua má conduta ante a polícia. André Fontalva, João P. Fião, Araújo, Manuel Prim e Valério, são irradiados do Partido.** Se, pelo inquérito que se está a efectuar, se verificar que, entre os 41 presos da organização local, houve algum camarada que se tivesse mostrado digno do nosso Partido, a rectificação será feita no devido momento.

O Secretariado está firmemente decidido a terminar com este estado

de coisas e, logo que esteja terminado o inquérito, publicará os nomes de todos os indivíduos irradiados.

A frequência de casos como este na organização local do Pôrto tem criado uma desconfiança das massas trabalhadoras nos organismos de direcção local, afastando muitos trabalhadores anti-fascistas do nosso Partido.

O Secretariado entende ser absolutamente necessário construir a organização local do Pôrto em moldes novos, acabando de vez com as células de rua e ligando estreitamente cada organização do Partido às massas operárias. O Secretariado entende ser absolutamente necessário criar um novo espirito revolucionário dentro da organização local, lutar implacavelmente contra todos os cobardes e oscilantes que apregoam a impossibilidade de resistir aos interrogatórios da polícia e aos maus tratos ou que, uma vez presos, «fazem tudo» para serem postos em liberdade. O Secretariado entende ser absolutamente necessário desenvolver a vigilância comunista em toda a organização local e criar quadros novos, de camaradas honestos estreitamente ligados à sua classe.

O Secretariado lembra aos camaradas do Comité Regional do Douro a vantagem de divulgarem no Pôrto as atitudes firmes e heróicas de muitos dos nossos militantes que preferiram sacrificar a vida, ser espancados e torturados, sofrerem longas penas de prisão e deportação, preferiram tudo a traírem o Partido e a classe operária.

Pela edificação no Pôrto duma forte organização partidária!

O Secretariado do
Comité Central do P. C. P. (SPIC)

Cuidados Conspirativos

Muito se tem escrito sobre as regras conspirativas. Muito se tem dito sobre a necessidade de todos os militantes as cumprirem. Mas não é demais repeti-las, desde que se verifica que alguns dos nossos militantes, apesar de todas as recomendações, não as cumprem, ou se as cumprem, é só durante um limitadíssimo espaço de tempo, quando lêem as nossas recomendações ou algum facto anormal os vem tirar da apatia em que tinham caído. Depois de cada caso, relaxam os cuidados, passando a fazer uma vida partidária completamente des preocupada.

É absolutamente necessário que todo o membro do nosso Partido esteja em constante vigilância, que esta preocupação se torne um hábito de todos os instantes. Quando entra ou sai de casa, quando se dirige para os encontros, etc., etc. e até mesmo quando faz uma vida normal, nunca deve deixar de estar em constante vigilância.

Do relaxamento da vigilância vários desastres têm resultado. Ainda não há muito que um camarada verificou que a sua residência era alvo da vigilância da polícia. Saiu da casa, mas como posteriormente «nada notasse» voltou a ir novamente para lá, apesar de todas as recomendações e ordens em contrário. Alegava, justificando-se, que o que se tinha verificado era um acaso, que era excesso de precaução de quem lhe chamava a atenção, etc., etc. Dias depois a casa era assaltada e ele preso.

Outro caso: Certo militante soube a determinada altura que a polícia o procurava. Saiu de casa, tomou certas medidas. Mas, algum tempo

depois, começou a afrouxar os cuidados, passando, com a continuação, a frequentar sítios pouco recomendáveis e a horas pouco recomendáveis. Passado algum tempo, a casa onde vivia era assaltada, ocasionando um sério prejuízo para o Partido além da sua prisão.

Mas não são somente os camaradas que descuram os cuidados conspirativos os únicos responsáveis. Outros camaradas tornam-se igualmente responsáveis, porque sabendo de «pequenos» deslises não os criticam, deixando que eles continuem a verificar-se e só depois de ocorrido o inevitável — o cântaro tantas vezes vai à fonte que um dia lá fica — é que esses camaradas vem dizer: «fulano em tal tempo fez isto... fulano assim... fulano assado...», etc.

Torna-se absolutamente necessário que todo o militante do Partido não só esteja vigilante no que a ele diz respeito, mas também aos demais camaradas, criticando-os pelos seus erros ou descuidos. Para os inadaptáveis, para os que apesar de todas as recomendações e críticas continuam a proceder da mesma forma, só um caminho lhes fica: **o afastamento de todo o trabalho partidário de carácter ilegal.**

Há outros aspectos de faltas de cuidados conspirativos a que queremos referir-nos e que não menos prejuízos têm trazido ao nosso Partido.

Alguns militantes ainda não compreenderam completamente que o ser militante comunista, especialmente na ilegalidade, impõe-nos o dever de medirmos com precisão as palavras que dizemos não só entre

estranhos, mas também entre camaradas. Supõem que pela razão de determinado indivíduo ser militante, se lhe pode confiar toda a espécie de assuntos, ou tratar na sua presença de assuntos que lhe não dizem respeito. Pela falta destes cuidados acontece que certos militantes são conhecedores de casos de que nada tinham de ter conhecimento. O que é ainda mais grave é o desconhecimento destes erros, impedindo, assim, que se tomem medidas capazes de anular os prováveis prejuízos causados por esses conhecimentos indevidos.

Ainda há bem pouco tempo o Partido sofreu um golpe devido a **inconfidências** feitas a um membro do Partido que depois traiu o Partido na polícia. Também sucedeu há pouco tempo que a polícia veio a ter conhecimento da actividade

de alguns camaradas por intermédio da companheira (que não era do P.) dum camarada, diante da qual se tinha imprudentemente falado no nome desses camaradas.

Outro aspecto que não queremos deixar de focar é o de alguns militantes não terem os cuidados devidos com a marcação de encontros, ou ainda despedirem-se de outros militantes em tais circunstâncias, que levam estes a localizarem os locais para onde se dirigem.

Estas e outras várias faltas conspirativas está o S.C. disposto a combater tomando as medidas que julgar mais oportunas, **inclusivé as mais radicais**, exigindo inteira responsabilidade, não só aos camaradas que as cometem, mas também aqueles que, tendo conhecimento delas, nada façam no sentido de as eliminar.

Grupos de Amigos do Partido

Os grupos de Amigos do Partido, que devem ser recrutados entre todos os elementos honestos que estejam dispostos a auxiliar financeiramente o Partido, comprometendo-se a arranjar semanal ou mensalmente a quantia x, é uma forma de actividade que os nossos camaradas não deverão descurar nas organizações locais. Cabe aos camaradas saber arranjar formas legais pelas quais estes amigos do Partido possam contribuir. Isso pode ser conseguido por várias formas: dinheiro, objectos para vender, organização de rifas, festivais, etc. As quantias obtidas deverão vir sempre acompanhadas dum pseudónimo para efeitos de controlo. Na escolha do pseudónimo deverá haver a

MARXISMO E PÁTRIA

«Ao proletariado não é indiferente a pátria em que vive. A pátria, isto é, o ambiente político, cultural e social, é o factor mais poderoso na luta de classe do proletariado. O proletariado não pode tratar as condições políticas, culturais e sociais da sua luta com indiferença e, por consequência não pode ficar indiferente ao destino do seu país. Mas está interessado no destino do seu país **só até ao ponto** em que isso afecta a sua luta de classe, e não em virtude de qualquer «patriotismo» burguês.»

Lénine, Selected Works, t. IV, p. 326 (1908)

«Nesta questão (atitude do proletariado perante a guerra, assim como acerca de «patriotismo»), não é o carácter ofensivo ou defensivo

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO MOVIMENTO NA CARRIS DE LISBOA

**GES
PCP**

Este movimento, como muitos outros, veio mais uma vez comprovar que a linha do Partido é justa, que as massas estão dispostas a encetar a luta pela conquista das suas reivindicações mais fundamentais, mas veio demonstrar também que é necessário saber levá-las à luta, e é preciso estudar com atenção as circunstâncias em que decorre cada acção reivindicativa e ao mesmo tempo saber aproveitar todos os factores que possam influir no resultado final.

Nas condições actuais e para que um movimento seja verdadeiramente massivo é absolutamente necessário que tome de início um carácter legal, começando por acções simples de luta que vão gradualmente tomando formas superiores, em que a massa vai criando um espírito cada vez mais activo e ofensivo. Acontece porém que, nalguns locais de trabalho esse crescimento não é tão rápido como vários camaradas desejariam. Por isso torna-se necessária certa perseverança e o estudo dessa evolução.

Do que ficou dito não deve concluir-se que tudo deva transcorrer no campo estritamente legal, o que faria cair num legalismo acomodaticio, muito próximo do oportunismo. As acções legais e ilegais devem ser ligadas de tal forma, tomar um aspecto tão natural, que as massas não se atemorizem e participem nelas com entusiasmo.

Depois destas considerações gerais, entremos directamente no caso concreto.

O movimento da Carris iniciou-se, como os camaradas devem estar recordados, com a concentração do

pessoal das Oficinas para a apresentação dum pedido colectivo de aumento de salários, depois de várias exposições entregues que não foram levadas em consideração pela direcção da Companhia, mas que tiveram a vantagem de preparar as condições necessárias para o ulterior desenvolvimento da luta.

Desta concentração, saiu uma comissão encarregada de tratar junto das várias entidades patronais e governativas do que se referia às reivindicações dos operários. Esta comissão não soube desempenhar a missão que lhe fôra confiada, pois (perante uma recusa habilidosa da Companhia que, sabendo que os operários estavam dispersos por vários sindicatos, os mandou tratar do caso por vias sin licais) não soube reagir de forma a fazer-lhe sentir a responsabilidade de tal atitude.

Quere parecer-nos que a própria comissão, tomada no seu conjunto, temia as consequências dum agravamento da situação que se tornara inevitável em face dos subterfúgios da Companhia para não aumentar o pessoal e da necessidade imperiosa que os trabadores tinham dêsse aumento. A comissão fez, sem o presentir, o jogo da Companhia que supunha, com a demora ocasionada pelas «démarches» sindicais, arrefecer o espírito reivindicativo da classe operária.

Os esforços da Companhia não foram de todo nulos pois conseguiram sueter o movimento latente durante mais de 4 meses. Os operários da Carris, que foram os primeiros, das grandes empresas de Lisboa, a lançarem-se na luta pelo aumento de salários, viram-se ul-

trapassados pelos de outras companhias que não perderam demasiado tempo com a burocracia sindical, utilizando-a na medida em que era necessária ao movimento e pondo-a de lado assim que se tornava um empecilho.

Um dos factores que poderia ter tido certa importância na luta e que não foi suficientemente explorado, foram as démarches junto da Embaixada inglesa. Se a comissão, ao mesmo tempo que expunha à direcção da Companhia as reivindicações dos operários, fôsse expor a situação em que ficaria a Inglaterra em face do proletariado português com o ulterior desenvolvimento do movimento, a Embaixada teria sido obrigada a ter mais em conta a acção perniciosa de vários dos seus súbditos de parceria com outros portugueses, no que aliás não é caso único o da Carris de Lisboa.

O movimento, retido temporariamente pelas razões apontadas, tomou o seu curso — o apontado pelos valorosos trabalhadores da Coviilhã e das Construções Navais. Passando por cima da burocracia sindical e doutras peias legais, lançaram-se decididamente na grêve dos braços caídos. A Companhia e o Estado, tomando por cobardia as hesitações e demoras anteriores,

ensaíaram o processo de atemorização, prendendo todo o pessoal que se tinha negado ao trabalho e que era constituído por 2.000 operários aproximadamente. Em face da atitude decidida dos operários e prevendo o alastramento da grêve às outras secções que até ali não tinham largado o trabalho, viram-se forçados a pôr em liberdade os operários detidos horas antes e anunciaram a constituição pelo Estado duma comissão encarregada de estudar as condições duma melhoria dos salários dos trabalhadores da Carris.

Que devemos concluir desta etapa do movimento? Que, sendo encetada com uma decidida vontade de vencer, foi no entanto demasiado espontânea, não permitindo aos operários das oficinas assegurar-se do apoio absoluto ou pelo menos mais activo dos operários das outras secções, especialmente do movimento, pois o decorrer dos acontecimentos provou que poderia esperar-se mais do que um simples apoio como solidariedade, pois todos tinham a consciência nítida de que essa luta era a sua própria luta.

Os operários da Carris, nas lutas que se avizinham, deverão ter bem presentes as experiências e ensinamentos adquiridos na luta anterior.

MARXISMO E PÁTRIA

(Continuação da pág. 4)

da guerra, mas os interesses da luta de classe do proletariado, ou melhor os interesses do movimento internacional do proletariado que representa o único ponto de vista donde deve ser considerada, e resolvida, a questão da atitude do proletariado revolucionário perante um dado fenómeno nas relações internacionais.

GRUPOS DE AMIGOS DO P.

(Continuação da pág. 4)

preocupação de não dar com êle qualquer indicação sobre o local ou o nome dos amigos.

É preciso não confundir os donativos de auxílio ao Partido com o produto da venda de imprensa e a receita das cotizações.